LIBRAS

AULA 2

Profª Cintia Cargnin Cavalheiro Ribas

CONVERSA INICIAL

Anteriormente, compreendemos o histórico da educação de surdos no Brasil, o reconhecimento da Libras como língua no Brasil, bem como as terminologias corretas que devemos utilizar ao nos reportarmos ao surdo.

Nesta aula, vamos nos aprofundar na forma de comunicação com os surdos, na identidade surda. Conheceremos aspectos importantes em relação à sua formação, o que envolve a comunidade e a cultura surda.

Compreenderemos a importância da educação bilíngue para o processo de aprendizagem do surdo e seus direitos no contexto educacional.

Você vai se envolver nesta cultura e encantar-se com ela!

TEMA 1 – COMO SE COMUNICAR CORRETAMENTE COM OS SURDOS?

Ao nos comunicarmos com o surdo, alguns cuidados são fundamentais:

- Não gritar, pois a intensidade da voz não chamará a atenção;
- Para chamar a atenção, toque o braço da pessoa;
- Se estiver longe da pessoa, não adianta chamar, salvo em casos que você esteja no campo de visão dela e consiga sinalizar para chamar a atenção;
- Procure se posicionar à frente do surdo, de maneira que ele consiga visualizar sua expressão e, se necessário, fazer a leitura labial;
- Não olhe para os lados enquanto estiver conversando, pois este movimento tira a atenção do receptor;
- Caso não consigam se entender na comunicação, mesmo após a repetição, utilize a língua escrita;
- As expressões faciais e corporais são primordiais para dar conotação às frases e expressar sentimentos, então, seja expressivo ao se comunicar;
- Um ambiente claro, com uma boa visibilidade, auxiliará na comunicação, pois permitirá a visualização completa dos sinais e expressões;
- Em caso de dúvida quanto a algum sinal, a datilologia é um excelente recurso, mas lembre-se de que ela não deve ser utilizada para comunicar frases.

TEMA 2 – IDENTIDADES SURDAS

Antes de falarmos sobre as identidades surdas, trataremos do critério clínico e do critério linguístico da surdez, que nos auxiliarão na compreensão dos conceitos.

No que se refere ao critério clínico, a surdez pode ser leve, moderada, severa e profunda, o que determinará sua classificação. Vamos conferir?

- **Surdez leve**: a pessoa apresenta dificuldades para compreender o que o outro está falando, principalmente em ambiente com ruídos. O surdo leve consegue ouvir somente sons entre 25 e 29 decibéis.
- **Surdez moderada**: sem o uso de um aparelho auditivo, a pessoa não compreende o que o outro está falando. Consegue ouvir somente sons entre 40 e 69 decibéis.
- **Surdez severa**: há pouca compreensão do que se fala, mesmo com a utilização de aparelho auditivo. O surdo com surdez severa consegue ouvir somente sons entre 70 e 89 decibéis.
- **Surdez profunda**: tem surdez profunda a pessoa que não consegue ouvir sons até 89 decibéis. Há pessoas com surdez profunda que não escutam nenhum tipo de som, mesmo que acima de 90 decibéis.

No que se refere ao critério linguístico, tem-se:

- **Surdos que oralizam**: são aqueles que se comunicam por meio da leitura labial e da oralização da fala;
- **Surdos que sinalizam**: comunicam-se utilizando-se da Língua de Sinais;
- **Surdos bilíngues**: comunicam-se tanto por meio de leitura labial e oralização da fala quanto por meio da Língua de Sinais.

Agora que compreendemos os critérios clínico e linguístico, vamos às identidades surdas.

Para falarmos sobre a identidade surda, utilizaremos como base a pesquisadora Gladis Perlin, que tem amplos estudos na área de surdez e identidade surda.

Para a pesquisadora (Perlin, 1998), a identidade surda possui sete categorias distintas, tendo em vista que há diferenças entre os sujeitos surdos. A construção da identidade do sujeito surdo é influenciada por fatores familiares e sociais e, também, pelo “poder ouvintista”.

Vamos conhecer as categorias de identidades?

- **Identidades surdas plenas (política)**: normalmente, são filhos de pais surdos, têm consciência surda e a língua de sinais como língua nativa. Percebem-se como surdos, não são oralizados e são politizados, reivindicam seus direitos;
- **Identidades surdas híbridas**: são aqueles que se tornaram surdos após conhecerem o português falado, ou seja, nasceram ouvintes;
- **Identidades surdas flutuantes**: são surdos que cresceram num ambiente oralizado, têm a *identidade ouvinte*, não usam a língua de sinais e não militam pela causa surda. Podem transitar entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, porém, não têm a identificação real com nenhuma das duas, pois não dominam a comunicação com ouvintes e têm falta de conhecimento da língua de sinais para convivência na comunidade surda. Por interferência do meio social e da família, foram submetidos a tratamentos para conseguirem se comunicar com os ouvintes e em alguns casos, têm dificuldades em se aceitar como surdo;
- **Identidades surdas embaçadas**: surdos que se utilizam de gestos ou sinais aleatórios na tentativa de comunicação, mas não conhecem a Libras. Vivem em isolamento por não conseguirem se comunicar;
- **Identidades de transição**: são surdos oralizados, que cresceram somente entre ouvintes, em contato com a língua portuguesa e sem contato com a comunidade surda e que a descobrem mais tarde. Passam pelo processo de “desouvinização”, ou seja, saem do mundo auditivo para a compreensão do mundo visual. Transitam tranquilamente entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda;
- **Identidades de diáspora**: surdos que estavam inseridos numa comunidade surda e que mudam de país ou de região e aprendem a cultura, variedade linguística e/ou a língua local;
- **Identidades intermediárias**: são aquelas pessoas que não se enquadram nas características das demais identidades surdas, têm audição leve, porém, vivem como ouvintes, pois não assumem a surdez, mesmo diante das dificuldades.

A cultura surda é fator determinante no contexto das identidades surdas e a estudaremos num próximo tópico.

TEMA 3 – COMUNIDADE SURDA

Antes de falarmos da organização da comunidade surda, nos apropriaremos de duas conceituações da pesquisadora Karin Lilian Strobel: a primeira seria **povo surdo** e a segunda, **comunidade surda**. A compreensão da diferenciação entre estes dois conceitos é de suma importância.

Para Strobel (2009), o povo surdo é um grupo de sujeitos surdos que têm histórias, lutas por direitos, costumes e tradições comuns e têm a concepção de mundo construída por meio da visão. O povo surdo existe desde o princípio da história e contextualiza-se dentro dela.

Já a comunidade surda não é uma comunidade específica para sujeitos surdos. Há nela, também, ouvintes que compartilham de interesses comuns no que se refere à causa surda, podendo ser composta por diferentes integrantes:

- Surdos;
- Ouvintes;
- Intérpretes;
- Profissionais diversos;
- Família;
- Religiosos.

Na comunidade surda, a comunicação é visual e gestual, por meio da língua de sinais.

É importante destacar que, dentro do contexto das comunidades surdas, temos as comunidades surdas pluralizadas, aqueles grupos plurais na cultura. São elas:

- Comunidade da igreja;
- Comunidade da escola;
- Comunidade do *hip hop*;
- Comunidade de líderes.

As comunidades surdas podem se encontrar em diferentes espaços, sendo **fixos** como associações, ou **variados**, como encontros em shoppings, igrejas, parques etc.

TEMA 4 – CULTURA SURDA

A cultura, de uma maneira abrangente, se compõe dos hábitos, costumes, valores, rituais, religiosidade, entre outros, que são passados de geração em geração e – também – desenvolvidos ou inculcados dentro do grupo social em que se está inserido, seja o ambiente familiar, seja num grupo de amigos, no ambiente escolar ou região em que se vive.

Durante muitos anos, as culturas “ouvintes” foram dominantes na vida do sujeito surdo, ou seja, acreditava-se no aculturamento específico do surdo, contexto em que o surdo deveria se encaixar nas culturas ouvintes já existentes, sendo que o considerado “normal” era a comunicação com base na emissão de sons na fala, por exemplo.

Em seu dia a dia, o surdo se depara com um mundo oralizado, no qual os sons permeiam não somente em relação aos aspectos da natureza ou movimentação das cidades, mas também à forma de comunicar tanto entre pessoas nos ambientes escolares, de trabalho, comerciais quanto em meios de comunicação de massa.

Você já pensou em como um surdo, algum tempo atrás, se comunicaria por meio do telefone ou assistiria a uma reportagem, por exemplo?

A língua do surdo é visual e espacial, então, como compreender o que está a sua volta? Diversas adequações foram realizadas no decorrer da história para que a comunidade surda pudesse se sentir parte de uma sociedade organizada para ouvintes. A tecnologia veio para contribuir nesse contexto de interação. O TDD foi uma das primeiras tecnologias implantadas. Tratava-se de um telefone para surdos, que permitia a comunicação com os ouvintes e atualmente nos deparamos com o recurso da legenda, inclusão do intérprete em programas televisivos, entre outros que, com o passar dos anos, têm sido estudados para que a sociedade seja equânime para surdos e ouvintes.

Como pudemos observar, mesmo com a ampla diversidade cultural do Brasil, a exclusão quanto à cultura surda foi uma realidade por um longo período de tempo, como vimos na história da educação de surdos.

Para Strobel (2008, p. 24), a cultura surda é

> o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

A cultura surda tem sua transmissão por meio da língua de sinais, o que não quer dizer que não sofre influências do meio no qual as pessoas surdas estão inseridas, motivo pelo qual há a diferenciação nas identidades surdas que já estudamos anteriormente.

Segundo Hall (2004), “As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito”.

Figura 1 – Elementos da cultura surda



A cultura surda é a percepção de que há particularidades específicas de grupos de pessoas, e essa cultura pode ser desenvolvida e/ou transmitida em diferentes ambientes como as comunidades surdas, comunidades surdas pluralizadas, grupos sociais de conversação, amigos, entre outros.

Fato é que, com a percepção das diferenças e nas formas de compreender o mundo à sua volta e o respeito à diversidade, há a sinergia cultural entre a cultura surda e a cultura ouvinte. A comunicação na cultura surda é gestual-visual e da cultura ouvinte, oral e auditiva, eis a diferença entre elas!

Ou seja, o que é fundamental, independente do contexto em que se insere, é que os surdos e os ouvintes precisam se conscientizar de que o surdo não precisa de reabilitação para ser ouvinte, mas sim ser aceito com suas diferenças e também deve aceitar o ouvinte como ouvinte, num espaço de respeito mútuo.

Quando há a consciência das diferenças, o surdo passa a se perceber não como um deficiente e sim como alguém com uma variedade linguística em relação ao ouvinte e com uma cultura própria. E o Orgulho Surdo tem uma representação: a fita azul!

A fita azul representa na cultura surda em comemoração de todas as conquistas da comunidade surda no contexto social, bem como a opressão enfrentada pelo longo da história. Ela foi introduzida na cultura surda em 1999 na Austrália durante o Congresso Mundial de Surdos, no qual ocorreu uma grande sensibilização quanto à luta dos surdos e de sua família no decorrer dos tempos.

TEMA 5 – PROPOSTA BILÍNGUE

No decorrer dos tempos, diversas adequações foram sendo implementadas no que se refere à educação dos surdos e o ambiente escolar. Mas o que precisamos ter em mente é que a Língua Natural da Comunidade Surda no Brasil é a Libras, ou seja:

- Libras é a primeira língua do surdo (L1);
- Português é a segunda língua (L2).

Dessa forma, no ambiente escolar, o surdo tem o direito de ter uma educação bilíngue, em que a aquisição da língua de sinais e a gramática da Libras estejam em primeiro plano e, posteriormente, a compreensão dos aspectos linguísticos do português, com foco na escrita.

Isso quer dizer que o surdo pode não ser oralizado, porém precisa que condições de apropriação da segunda língua sejam proporcionadas por meio do acompanhamento e interação com o intérprete, professor e demais colegas.

Mas com que idade a criança deve começar a aprender a língua de sinais? Não há idade certa para a aprendizagem da língua de sinais. Surdos que tenham um de seus pais surdos, por exemplo, terão o contato com ela desde o nascimento, e esta será natural ao seu cotidiano. Até mesmo ouvintes filhos de pais surdos poderão ter a aquisição dessa linguagem antes mesmo do português.

Quanto mais cedo for o contato do surdo com a Língua de Sinais, melhor será sua aprendizagem comunicação, interação e aceitação.

Como já conversamos, a educação de surdos passou por diferentes marcos na história, e as conquistas foram gradativas. Compreendemos a importância de conhecer as identidades e cultura surda para que possamos nos comunicar da melhor maneira possível.

Com a publicação do Decreto n. 5.626/2005, regulamentações no que se refere à educação bilíngue para surdos foram implementadas, com destaque para o art. 22, que determina a obrigatoriedade na oferta, considerando a Libras como L1 e o Português como L2:

> Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:
> I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
> II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.
> § 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.
> § 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação. (Brasil, 2005)

Então, para atendimento da legislação, mas acima de tudo, pelo respeito às diferenças linguísticas, temos que compreender que Libras deve ser a primeira língua (L1) para o surdo no ambiente escolar e o Português escrito, a segunda língua (L2), por isso a importância de uma proposta de educação bilíngue.

Lembre-se de que se você tiver em sala um aluno surdo deve sempre se posicionar de maneira que este possa ver seu rosto, lábios e expressões.

NA PRÁTICA

Vamos colocar em prática o que aprendemos nesta aula?

1. Pesquise se em sua região há comunidades surdas. Em caso positivo, há pontos de encontro dessas comunidades?
2. As comunidades surdas pluralizadas são uma realidade em sua região? Quais são as comunidades pluralizadas que existem em sua região?

3. A implementação das escolas bilíngues para surdos é uma realidade em sua região? Se sim, quantas escolas bilíngues há em seu entorno?

FINALIZANDO

Nesta aula, tivemos a oportunidade de compreender um pouco mais sobre o universo surdo. Iniciamos pensando na comunicação com o surdo e quais são os aspectos que devem ser considerados numa boa comunicação entre o surdo e o ouvinte. Nesse contexto, vimos que o aspecto visual, tanto da expressão quanto da condição de visibilidade são fundamentais.

Você se lembra de pontos-chave desta comunicação? Vamos retomá-los sinteticamente?

1. Não gritar;
2. Posicionar-se de frente para conversar, sem desviar o olhar;
3. Buscar ambiente claros para que comunicação visual seja garantida;
4. Ser expressivo na conversa;
5. Em caso de não compreender o que o surdo quer comunicar, quer seja de forma oral, quer seja por meio da língua de sinais, pergunte novamente, peça que ele repita. Se mesmo assim não entender, utilize a comunicação escrita.

Com essas breves orientações, a comunicação entre emissor e receptor será mais efetiva! Atenção é fundamental, assim como quando conversamos no português falado!

É preciso **estar presente** na conversa para que o receptor compreenda a mensagem do emissor.

Conversamos, também, sobre os critérios clínicos (surdez leve, surdez moderada, surdez severa e surdez profunda) e linguísticos da surdez (surdos que oralizam, surdos que sinalizam e surdos bilíngues) para posteriormente estudarmos sobre as identidades surdas e entendermos que a identidade surda não é igual para todos, sendo um dos fatores de suma importância para melhor nos comunicarmos e nos relacionarmos com o surdo. Então, com base em Gladis Perlin (1998), vamos relembrar as identidades surdas?

- **Identidades surdas plenas (política)**: têm consciência surda e a língua de sinais como língua nativa;
- **Identidades surdas híbridas**: nasceram ouvintes e tornaram-se surdos;

- **Identidades surdas flutuantes**: cresceram num ambiente oralizado, têm a *identidade ouvinte*, não usam a língua de sinais e não militam pela causa surda. Têm dificuldades em se aceitar como surdo e transitam nas duas comunidades, mas não têm harmonia nem na surda, nem na ouvinte;
- **Identidades surdas embaçadas**: utilizam-se de gestos ou sinais aleatórios na tentativa de comunicação;
- **Identidades de transição**: oralizados, que cresceram somente entre ouvintes e conhecem a comunidade surda tardiamente. Transitam tranquilamente entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda.
- **Identidades de diáspora**: mudaram-se de país ou estado;
- **Identidades intermediárias**: são aquelas pessoas que não se enquadram nas características das demais identidades surdas, têm audição leve e não assumem a surdez, mesmo diante das dificuldades.

Após tratarmos das identidades surdas, estudamos sobre a comunidade surda e percebemos que essas são formadas não somente por surdos, mas por pessoas de diferentes culturas. Percebemos a diferença entre povo surdo e comunidade surda, observando que a segunda é composta por um agrupamento num mesmo propósito, onde a base da comunicação é visual, ou seja, a língua de sinais.

Nesse contexto, a cultura surda traz valores, crenças, hábitos que são transmitidos por meio da língua de sinais. Trata-se da cultura surda, conforme Strobel (2008), da maneira do sujeito surdo compreender o mundo e adaptá-lo para este ser acessível a sua forma de percepção, isto é, a social.

É como isso tudo reflete no meio educacional?

Bom, por lei, e também por equidade, é fundamental a oferta de uma educação bilíngue para os surdos, respeitando a diversidade linguística dos mesmos e a organização da aquisição da linguagem, ou seja:

- L1 do surdo é a Libras;
- L2 do surdo é o português.

Esse é um direito garantido por lei e que precisa ter efetividade dentre as políticas pública da educação no país.

Esta aula nos proporcionou um conhecimento sobre a cultura, a comunidade e a identidade surda e, com certeza, despertou em você o desejo de conhecer mais e mais sobre o tema!

Se você tem interesse em se aprofundar, busque comunidades surdas em sua região, procure frequentá-las e conviver com elas. Será uma experiência inigualável!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

CAMPELLO, A. R. E S. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

_____. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. **As imagens do Outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.